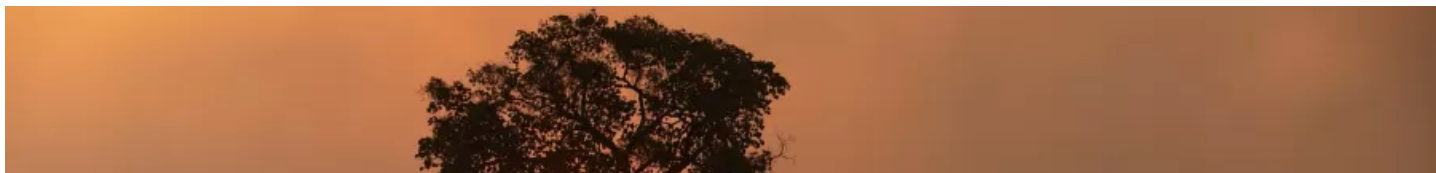




AGRONEGÓCIO

Mudanças climáticas podem inviabilizar soja e gado no Brasil, diz cientista



Em entrevista, o cientista brasileiro Paulo Artaxo, membro do IPCC, comenta novo relatório do painel da ONU

Imagem: Ernesto Carriço/NurPhoto via Getty Images



Nádia Pontes

09/08/2021 12h44

Atualizada em 09/08/2021 16h48



Erramos: este conteúdo foi alterado

A **primeira parte do novo relatório do IPCC (Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas, na sigla em português)**, divulgado hoje, afasta quaisquer dúvidas sobre a causa do aquecimento do planeta.

O modo de vida da humanidade, movido à base da queima de **combustíveis** fósseis, emite gases de efeito estufa que estão levando a um rápido aquecimento do planeta. Até a próxima década, a temperatura média global deve subir 1,5 °C, estima o IPCC.



RELACIONADAS



Os efeitos alarmantes das mudanças climáticas sobre o mundo, segundo novo relatório da ONU



COP26: Quais as grandes metas da ONU para limitar as mudanças climáticas?



Incêndio na Califórnia já é o segundo maior da história no estado

Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP (Universidade de São Paulo) e membro do IPCC, alerta para os impactos desse cenário no Brasil. Na região central do país, a temperatura pode subir até 5,5 °C, e as chuvas podem cair 30% até o fim do século.

"Esse cenário vai fazer com que áreas onde hoje são produzidas soja e carne possam não ter mais condições de produzir competitivamente daqui a 10, 20, 30 anos", analisa em entrevista à DW Brasil.

O sexto relatório do IPCC (AR6) será composto por quatro partes. Além da ciência física, divulgada agora, as demais se ocuparão com os impactos, vulnerabilidade e adaptação, mitigação, programadas para serem publicadas em 2022.

DW Brasil: O novo relatório do IPCC reforça o entendimento de que o aquecimento do planeta, que provoca as mudanças climáticas, é causado pelas atividades humanas. Dos pontos abordados no documento sobre os quais não se tinha o mesmo grau de certeza nos relatórios passados, o aumento dos eventos climáticos extremos é um dos com mais avanços?

Paulo Artaxo: É muito claro que o aquecimento do planeta está sendo causado pelas atividades humanas. Não houve nenhum único país, durante os debates sobre aprovação do relatório, que tenha levantado dúvidas sobre essa questão.

“É um consenso, passamos dessa etapa. Agora é o que fazer, como fazer, quem paga a conta.

A gente dizia antes que, aquecendo o planeta, iria aumentar a incidência de eventos climáticos extremos. Esse novo relatório diz que se a gente deixar o planeta aquecer 4 °C, ondas de calor vão ocorrer 38 vezes mais frequentemente do que ocorreria sem o aquecimento global. É muita coisa.

O documento também faz a vinculação das emissões urbanas e clima global, o que é importante considerando que 80% da população vai viver em áreas urbanas em 2050. Precisamos de políticas públicas para tornar nossas cidades mais eficientes no uso de energia e transporte, mais sustentáveis.

DW Brasil: Essa informação chega num momento em que eventos extremos estão trazendo impactos nos dois hemisférios, como as chuvas fortes na Alemanha e a crise hídrica no Brasil, o que já reforça a mensagem do relatório.

Paulo Artaxo: Exatamente. [O Canadá, por exemplo, não registrava 48 °C nos últimos 150 anos](#). Chover em um dia o que chove normalmente em um ano também é inédito.

As [enchentes recentes que aconteceram na Alemanha](#), por exemplo, ocorreram depois de um nível de chuva recorde. Os alemães viram que o aumento de eventos extremos climáticos pode matar pessoas lá também.

DW Brasil: E para o Brasil? Os impactos podem ser considerados ainda mais severos?

Paulo Artaxo: Um aumento médio de temperatura de 4°C, que é para onde estamos indo com o cenário de emissões, vai fazer com que o Brasil central aumente de temperatura 5,5 °C, com uma redução de chuvas de 30%.

“*Esse cenário vai fazer com que áreas onde hoje são produzidas soja e carne possam não ter mais condições de produzir competitivamente daqui a 10, 20, 30 anos.*”

Isso leva o Brasil a ter que repensar que economia nós queremos fomentar. Vamos continuar dependendo do agronegócio? Pode ser um péssimo negócio.

DW Brasil: Por que essa região do país sofreria um aumento maior de temperatura em relação à média global?

Paulo Artaxo: Um aquecimento médio de 2 °C no planeta significa que as áreas continentais se aquecem 3,5 °C. Isso porque 70% da superfície do planeta é oceano, e a água tem uma capacidade térmica muito maior do que os ecossistemas terrestres. Então as áreas continentais se aquecem muito mais.

“*Um aquecimento médio de 4 °C significa um aquecimento nas áreas continentais de 5,5 °C. Esse aumento da temperatura vai fazer com que a chuva no Brasil central diminua muito. Pode não ser viável uma agricultura com eficiência como a que gente tem hoje.*”

A mensagem é clara. A questão é o que os governos vão fazer. Ou seja, é o mesmo problema de antes.

DW Brasil: O relatório também traz mais clareza em relação às projeções voltadas para elevação do nível do mar?

Paulo Artaxo: A projeção até 2100 é de que o nível do mar suba em torno de um metro. E esse relatório faz pela primeira vez uma projeção para 2300. Isso porque, uma vez iniciado o processo de derretimento das geleiras, não há maneira de parar. E a parte do relatório Science for Policy Makers traz a projeção de elevação de até 16 metros até 2300.

As consequências disso para cidades como Rio de Janeiro, Nova York, Londres e para países como Bangladesh são catastróficas.

DW Brasil: A palavra "irreversível" aparece muitas vezes no relatório. O que ainda é possível reverter com o corte significativo de emissões de gases do efeito estufa?

Paulo Artaxo: Muitos processos já iniciados são irreversíveis. A meia vida do CO₂ na atmosfera é de alguns milhares de anos, ou seja, o CO₂ que a gente já emitiu vai ficar lá.

A única maneira de tirar esse CO₂ da atmosfera é através da fotossíntese. Mas como vamos plantar árvores onde hoje se cultiva comida? Isso traria um impacto gigantesco para a sociedade.

Há ainda um dado muito importante nesse relatório. Os aerossóis estão mascarando o aquecimento. A poluição emitida por partículas que resfriam o clima é responsável pelo resfriamento de 0,5 °C. Isso foi calculado pela primeira vez.

“A hora em que a gente parar de queimar carvão e petróleo, que a gente eletrificar os veículos do mundo inteiro — e isso vai ocorrer — o planeta será aquecido imediatamente em mais 0,5 °C. Isso é 50% de tudo o que foi aquecido até agora desde a Revolução Industrial.

DW Brasil: Isso significa que não será possível manter o aumento da temperatura "bem abaixo dos 1,5°C", como estipulado no Acordo de Paris, já que a temperatura média do planeta já subiu 1 °C desde a Revolução Industrial?

Paulo Artaxo: O IPCC fala nesse relatório que vamos aquecer em média 1,5 °C nesta década. Mas na verdade, isso é eufemismo. Vamos diminuir a redução dos aerossóis, isso vai acontecer na Índia, China, América Latina, com a eletrificação da frota e a desativação das usinas a carvão. E esse 0,5 °C que está mascarado vai ser somado de imediato.

DW Brasil: Então parar de queimar combustíveis fósseis vai piorar o aquecimento do planeta?

Paulo Artaxo: Vai aumentar a temperatura no curto prazo. Mas, para a sociedade, ao longo dos anos, isso é vantajoso. Primeiro: vai reduzir as 3 milhões de pessoas que morrem por ano por doenças causadas pela poluição do ar.

AGRONEGÓCIO

conhecido para a queima de florestas e outros combustíveis fósseis, vai deixar de mascarar em longo prazo o aquecimento, mas é esse o caminho a seguir.

DW Brasil: Quais são as perguntas desafiadoras a serem respondidas nos próximos relatórios?

Paulo Artaxo: As principais perguntas estão associadas com o que a gente chama dos tipping points, os chamados pontos de não retorno. Onde estão eles?

Em que nível de subida de temperatura a gente altera a circulação oceânica? Em que nível de temperatura a Floresta Amazônica passa a emitir carbono em vez de absorver, como ela estava fazendo até há algum tempo? Qual é o impacto do feedback da liberação de metano pelo derretimento do permafrost [solo permanentemente congelado]? São todas questões ainda sem respostas.

DW Brasil: Estudos recentes mostraram que a Corrente do Golfo está enfraquecendo. Mais um sinal dos impactos das mudanças climáticas?

Paulo Artaxo: Sim. Nós estamos alterando o principal canal de redistribuição de energia do planeta. Isso é extremamente preocupante.

PUBLICIDADE

! *Errata: o texto foi atualizado*

O texto informava de maneira incorreta que as mortes por poluição são na casa dos bilhões, e não dos milhões. O trecho foi corrigido.

AS MAIS LIDAS AGORA



Oposição avalia que PEC dos Precatórios não será aprovada no Senado



Ações do Magazine Luiza despencam após divulgação sobre queda no lucro



Gestão Bolsonaro é ruim para a economia, diz revista 'The Economist'

7 Comentários

Agronegócio



DO UOL

Mal da vaca louca volta a assombrar exportações de carne no Brasil

12/11/2021 11h48



DO UOL

Exportação de carne de frango e de porco já rendeu quase R\$ 50 bi em 2021

12/11/2021 04h00



DO UOL

Quase metade do café brasileiro sai de Minas, mas clima enfraquece produção

11/11/2021 04h00



UOL ECONOMIA

Crise do clima reduz produção de comida em áreas que rendiam o ano inteiro

10/11/2021 04h00



DO UOL



DO UOL

Empresa cria dieta para boi reduzir arroto e pum e melhorar efeito estufa

08/11/2021 04h00



DO UOL

No sul de Minas, plantar frutas e legumes dá mais dinheiro que café

06/11/2021 04h00



DO UOL

Em 4 meses, agricultores tomam R\$ 124,5 bi em empréstimos do Plano Safra

05/11/2021 07h53



UOL ECONOMIA

Por que se planta tanta soja? Ela faz ração, salsicha, remédio e até pneu

03/11/2021 04h00



DO UOL

Plantação de feijão no PR está menor, mas produtividade fará safra aumentar

01/11/2021 04h00



DO UOL

Bactérias ajudam milho a 'sentir' menos calor e a resistir mais sem água

30/10/2021 04h00

VER MAIS